

Exmo. Sr. Ministro da Cultura, Pedro Adão e Silva

Exmo. Sr. Director Geral da Direcção Geral das Artes, Américo Rodrigues

Exmo. Sr. Presidente do Conselho de Administração da Fundação Millennium bcp, Senhor Embaixador António Monteiro

Exma. Senhora Presidente da Secção Portuguesa da AICA, Arquitecta Ana Tostões

Exmos. Srs. Membros do Júri, Catarina Rosendo, Luísa Soares de Oliveira, Paulo Pires do Vale, Inês Lobo e Rui Mendes

Exmo. Sr. Arquitecto Nuno Brandão Costa (a quem agradeço e retribuo vivamente as felicitações pelo Prémio atribuído)

Exmos. Delfim Sardo, Desirée Pedro, Carlos Antunes e Ricardo Carvalho

Restantes Entidades aqui presentes

Caríssimos Amigos e Amigas,

Tem sido um ano cheio, com tantas coisas a acontecerem, projetos que foram finalmente realizados, depois de terem estado estagnados e adiados pela pandemia. Desde a exposição “Nada existe”, na Galeria Filomena Soares, há exatamente um ano, posso salientar a exposição que fiz juntamente com Pedro Costa e Paulo Nozolino (dois artistas gigantescos de quem tenho o privilégio de ser amigo há muitos anos) no Centre Pompidou, a exposição no Museu de Serralves, a exposição no Museu Arpad - Szenes - Vieira da Silva, a publicação pela Pierre von Kleist do livro com 30 anos de desenhos e, agora, o Prémio AICA (daqui a pouco já ninguém me atura...)

Como já disse algumas vezes, tenho tido muita sorte na vida, desde que nasci. Até já podia ter partido fisicamente deste mundo, há uns anos, mas foi-me dada uma segunda chance. Tenho de a aproveitar o melhor que posso, os meus olhos não podem dormir. Quero continuar a vaguear na floresta onde não há caminhos, tentando ouvir o que o vento me diz e reconhecendo as formas vazias que habitam a sombra.

Um prémio não é uma recompensa, não existem recompensas em arte. O caminho de um artista é o único caminho possível: sem destino, sem intenção, sem retorno. Naturalmente, um prémio é também um incentivo porque nos mostra que o que fazemos é importante para alguém, é visto, ouvido e vivido, não é indiferente. Mas é também uma grande responsabilidade para quem o recebe: não se pode desiludir quem acredita em nós e para quem aquilo que fazemos é importante e tem significado. Obriga-nos a manter o rigor e a exigência. Sobretudo, como é o caso do Prémio AICA, quando vejo o meu nome

juntar-se a uma notável lista de artistas e arquitetos onde figuram alguns dos que mais admiro e respeito.

Em arte não é possível distinguir quem é melhor ou pior da mesma forma que se pode fazer no atletismo, em que as melhores prestações são inequivocamente medidas ao cronómetro. A arte não é uma corrida, não é uma competição. Todos os artistas têm a sua linguagem, o seu caminho, não há comparação possível. Só pode haver seriedade e entrega total. Independentemente da visibilidade que possa ter, nenhuma obra exclui outra, tudo vai existindo simultaneamente, cada artista só pode fazer o que sabe, nada mais. Mas mesmo essa notoriedade pode ser efémera e precária, todos sabemos isso: o que foi ontem visível e importante hoje não tem expressão, mas poderá voltar a ter no futuro, movemo-nos em ciclos (ou em círculos...)

Nada existe por si só. Alimentamo-nos uns dos outros, do pensamento e das ideias, passadas e presentes, que trazemos ao mundo envoltas em dúvidas e certezas. E dos amigos. E dos inimigos, também. E de quem gosta de nós e de quem não gosta. E, até, daqueles para quem somos indiferentes. Ninguém está sozinho, todos vivemos porque os outros vivem. Todos dependemos de todos e são os outros que dão sentido ao que fazemos.

O trabalho dos artistas é solitário, permanentemente cheio de dúvidas íntimas e intransmissíveis, isolado como “um estranho numa terra hostil”, mas não podemos esquecer que quando olhamos uma obra de arte numa exposição, estamos a ver igualmente tudo o que ela contém, mas que não é imediatamente visível, uma infinidade de elementos essenciais que a tornam possível. No meu caso, para além de tudo o que faço nascer na solidão do meu atelier, sei que nada do que fiz até hoje teria sido possível sem os que me rodeiam. Nada existiria sem o trabalho dos profissionais competentes que me apoiam e ajudam a construir este caminho, participando com o melhor que sabem fazer, com a sua máxima qualidade e valor. Os que trabalham ou trabalharam diretamente comigo o ferro (o Sr. Carlos Venâncio, o Paulo Vera, o Mário João, o Bruno...), os que trabalham nas fábricas e na indústria, os engenheiros, os arquitetos, os que transportam as obras e os que montam as exposições, as iluminam e as apoiam tecnicamente, os que limpam os espaços, os que varrem o chão... toda uma quantidade de pessoas valiosas, preciosas, imprescindíveis, sem as quais nada seria possível, e que ficam normalmente na sombra, discretos. E os curadores que pensam e desenvolvem, por vezes de forma intensa e apaixonada, com o artista a melhor maneira de apresentar as obras. E os diretores de Museus, Fundações, centros culturais ou associações (em colaboração com as respetivas administrações ou tutelas públicas, mecenas e sponsors) que tantas vezes enfrentam enormes dificuldades para manter vivas essas instituições e contribuir, também, para a criação de coleções que deixem uma memória futura. E os críticos, jornalistas e todos os que noticiam e divulgam; e os poetas, escritores, filósofos e historiadores de arte que escrevem, pensam, vêem, lêem... todos os que procuram a raiz secreta que se esconde dentro de cada obra de arte. E os que as fotografam ou filmam, os que fazem livros, os que publicam revistas e jornais, os designers, os impressores, os editores. E as

Galerias, que trazem as obras ao público, partilhando o seu entusiasmo e fazendo o possível por vender, permitindo ao artista continuar a trabalhar, a viver...E os colecionadores privados que, com maior ou menor capacidade financeira, continuam a manter viva a sua paixão e a necessidade de viver rodeados de coisas que os alimentem espiritualmente, intelectualmente. E, antes de encontrarmos o nosso verdadeiro caminho, os professores que foram capazes de nos ensinar, entusiasmar e ajudar a dar os primeiros passos na direção de um desconhecido que, numa jovem e confusa idade, apenas ainda pressentimos. E aqueles artistas, cineastas, fotógrafos, arquitetos e músicos que tanto admiramos e cuja obra e exemplo ético nos fazem crescer diariamente. Em Portugal, de entre os que já se ausentaram fisicamente de ao pé de nós, recordo alguns que me foram muito importantes, como Jorge Vieira, António Palolo, Fernando Calhau, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Michael Biberstein, Alberto Carneiro, Júlio Pomar, Gaëtan, José Barrias, João Cutileiro ou, tão recentemente, o nosso querido Julião Sarmento que tanta falta nos faz. E também todos aqueles que nunca conheci pessoalmente e que perdi no vasto mundo, em tantos países, mas que fizeram parte da minha educação mais profunda e que, com a sua obra e o seu pensamento, continuam a abrir portas para o meu caminho. Com todos eles, no atelier, estou sempre em contacto. Jean Genet tem razão quando nos diz que a arte é “uma oferenda ao inúmero povo dos mortos. Que a acolhem. Ou rejeitam.”

Continuo a acreditar na capacidade das obras de arte nos chamarem e exigirem de nós tempo, esforço, dedicação, entrega. Temos de lutar pela obra de arte, ela não pode ser apenas uma oferta fácil, gratuita, superficial. Uma obra de arte só existe quando é vista: ela é construída por quem a vê, a sente, a experimenta, a ouve. Quando vemos uma pintura também estamos a pintá-la. De cada vez que observo uma escultura realmente importante, também estou a executá-la. Ver uma obra de arte também é fazê-la: é demorado e pode ser duríssimo, sobretudo com obras mais complexas e subtis. Por isso, é muito complicado ir a um Museu e visitar mil obras seguidas, de uma só vez. Eu, pela minha parte, consigo ver a sério duas ou três, no máximo. Fico espantado com a quantidade alucinante de feiras de arte, Bienais, exposições mega-colectivas que se multiplicam... milhares de obras.... Quem as consegue ver? Ou estarão apenas a olhar? Nesta época de aceleração contínua, em que nos habituámos a esperar resultados rápidos e a reagir numa velocidade impaciente e ansiosa aos estímulos e esperar logo por mais, ver as coisas (e não só as obras de arte) com profundidade e lentidão tornou-se quase impossível: o tempo que achamos que nos falta é o bem mais precioso, o único que nos ensina a esperar, a aguardar pacientemente por esse encontro no nosso mais inacessível íntimo.

. Ao fim destes anos, relativamente ao meu trabalho e ao dos outros, pergunto-me: traz alguma coisa? Adianta alguma coisa? Muda alguma coisa? Muda o Mundo? Ou é apenas só mais um objeto, um objeto simpático? Se assim for, não vale a pena ver (nem fazer!) Se saímos de uma exposição como entrámos, não valeu a pena a visita. A arte tem de mudar qualquer coisa, no mínimo o Mundo.

Pode ser uma escultura, uma pintura, um filme, uma fotografia, uma música, um concerto que nos arrebate e nos leve para outro lugar, nos deixe em reverberação. Tem de ser uma viagem ao interior da luz. Se a arte não for capaz de mudar uma vida, para sempre ou, pelo menos, durante alguns momentos, é indiferente.

“Nada existe” foi uma exposição marcante para mim. Normalmente, para um artista, o seu último trabalho é o mais importante, por ver nele novos caminhos que mais ninguém vê (mesmo que alguns os possam pressentir). Apenas ele tem consciência da grandiosidade do abismo que algumas das suas obras instauram à sua frente. Esta exposição foi um passo no escuro, entrei por portas que não conhecia, avancei cuidadosamente sobre um lago gelado, sabendo que não tinha chão debaixo dos pés, sempre com medo de que essa fina camada de gelo se quebrasse... As esculturas foram todas realizadas durante o período do confinamento. Não quero atribuir a esse espaço de “paralisação”, que todos nós tivemos de sofrer, a eventual força destas obras, mas tenho consciência de que a forma como atravessámos esses estranhos dias de isolamento e silêncio, em que não tínhamos resposta para nada, influenciou o nascimento destas esculturas. Olhando para trás, sinto que esses meses de solidão conferiram sentido aos gestos que as trouxeram ao mundo, ao meu atelier. Talvez possuam a forma natural do vazio, talvez estejam a acordar para outro mundo... Não pude ficar mais contente quando soube que este prémio me tinha sido atribuído por uma exposição que me deixou na mais profunda inquietação e que instaurou estranheza e silêncio em quem a visitou. Por isso, esta ocasião é para mim uma dupla alegria: o reconhecimento do meu trabalho pelo júri de um prémio do maior prestígio e seriedade e o ter conseguido atravessar o lago sem quebrar o gelo, sem me afogar.

Como tenho dito, não me identifico com a ideia da arte enquanto uma expressão pessoal do artista. Gosto da ideia de a arte ser impessoal, anónima, como nas Catedrais Góticas ou nos templos budistas e hindus. Enquanto artista, nada de pessoal tenho a dizer, a exprimir ou a mostrar. Para mim, a arte é uma chama que temos de ir mantendo viva e passando de mão em mão. Uma chama que vem do passado (ou do futuro) e que entregamos aos outros, aos que irão protegê-la no futuro (ou no passado). Não faço escultura, é a escultura que me faz a mim. De cada vez que começo uma peça nova, penso num anjo talhado na pedra no interior de uma catedral. As suas asas, o seu sorriso e a leveza dos seus cabelos vivem na precaridade de uma brisa. Penso na delicadeza tensa das suas mãos e na forma como a suavidade dos tecidos foi fixada no tempo. Essa imagem está sempre comigo, ao meu lado, dentro de mim, e escuto a beleza aterradora da sua voz. Nada mais me interessa, em escultura, do que transformar uma pedra numa asa, um pedaço de ferro num sopro.

Gosto das quatro estações. Gosto da alternância do calor e do frio, da demasiada luz, da pouca luz, da mudança, da sequência, do ritmo das chegadas e das partidas. Gosto dos encontros e das despedidas. Gosto de ver as árvores despidas de folhas e gosto de ver a chegada das primeiras florações, minúsculas e delicadas. Gosto dos ciclos, das repetições, das esperas... do tempo. Das

gotas de chuva nas pedras, do cheiro da erva molhada, do vento nas folhas das árvores que falam connosco e nos lembram do que sempre fomos. Gosto de deixar que as coisas aconteçam, na imperfeição da sua perfeição (ou na perfeição da sua imperfeição). Gosto de chegar sem partir.

Agradeço com gratidão a todos os que contribuíram para a existência deste importante prémio, nomeadamente à AICA e ao júri que escolheu o meu trabalho bem como à parceria entre o Ministério da Cultura e a Fundação Millennium bcp.

À Galeria Filomena Soares que tornou possível a exposição “Nada existe”, no seu magnífico espaço, bem como a edição de um belíssimo catálogo.

Aos meus Pais, que sempre me apoiaram e acarinharam desde criança e me ajudaram a criar excelentes condições de trabalho. E à Pipa e aos meus filhos Guilherme, Frederico e Henrique por tudo o que me ensinam diariamente.

Agradeço a todos os presentes por terem comparecido nesta bela ocasião.